

A humanização no jornalismo científico em três *podcasts* brasileiros: uma pesquisa exploratória descritiva com inspiração em critérios da análise audioestrutural¹

Humanization in scientific journalism in three Brazilian podcasts: an exploratory descriptive research inspired by audiostructural analysis criteria

Humanización en el periodismo científico en tres podcasts brasileños: una investigación descriptiva exploratoria inspirada en criterios de análisis audioestructural

Izani Mustafá

Resumo

Este artigo parte inicialmente de uma pesquisa exploratória descritiva (Lakatos e Marconi, 2018) para identificar o lugar da humanização e do jornalismo científico produzido em três *podcasts*: O Veneno mora ao lado, Pelo avesso e Tempo quente. Para este estudo nos inspiramos na análise audioestrutural (Silva, 2022) que propõe critérios como a identidade de cada programa e a estrutura utilizada nas três produções brasileiras: tema, fontes, duração de cada episódio e personagens da

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 09/10/2024, aceito em: 12/12/2024.

>> Como citar este texto:

MUSTAFÁ, Izani. A humanização no jornalismo científico em três *podcasts* brasileiros: uma pesquisa exploratória descritiva com inspiração em critérios da análise audioestrutural. **Radiofonias** – **Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 39-57, set./dez. 2024.

Sobre a autoria

Izani Mustafá

Izani.mustafa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1229-6171>

Jornalista por formação e professora adjunta da Graduação e da Pós-Graduação de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), coordena o Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão, cadastrado no CNPq, e é diretora de comunicação da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR).

¹ Elaborado a partir da sugestão de tema da doutora Debora Cristina Lopez (UFOP) e com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - FINANCE CODE 001. Foi apresentado no 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado em Fortaleza, na UFC, em novembro de 2022, revisado e ampliado.

história de vida. Além dessa identificação, observamos se os relatos são humanizados (Ijuim, 2017).

Palavras-chave: Podcast jornalístico; Jornalismo humanizado; Jornalismo sonoro; Jornalismo científico; Fontes.

Abstract

This article initially starts from an exploratory descriptive research (Lakatos and Marconi, 2018) to identify the place of humanization and scientific journalism produced in three podcasts: O Veneno mora ao lado, Pelo avesso and Tempo quente. For this study, we were inspired by the audiostructural analysis (Silva, 2022) that proposes criteria such as the identity of each program and the structure used in the three Brazilian productions: theme, sources, duration of each episode and characters in the life story. In addition to this identification, we observed whether the reports are humanized (Ijuim, 2017).

Keywords: Journalistic podcast; Humanized journalism; Sound journalism; Scientific journalism; Sources.

Resumen

Este artículo parte inicialmente de una investigación descriptiva exploratoria (Lakatos y Marconi, 2018) para identificar el lugar de la humanización y el periodismo científico producido en tres podcasts: O Veneno Mora ao Lado, Pelo Averso y Tempo Quente. Para este estudio nos inspiramos en el análisis audioestructural (Silva, 2022) que propone criterios como la identidad de cada programa y la estructura utilizada en las tres producciones brasileñas: temática, fuentes, duración de cada episodio y personajes de la historia de vida. Además de esta identificación, observamos si los relatos están humanizados (Ijuim, 2017).

Palabras clave: Podcast periodístico; Periodismo humanizado; Periodismo sonoro; Periodismo científico; Fuentes.

O ponto de partida: o podcasting

O *podcasting* é, por natureza, um objeto diversificado, já que na base da sua definição estão a hipersegmentação, a amplitude dos públicos e o potencial de complexificação narrativa (Lopez e Viana; Avelar, 2018; Lindgreen, 2020). Na pódosfera narrativa (Avelar e Prata; Martins, 2018; Mchugh, 2016; Viana, 2022), as possibilidades de exploração de histórias de vida, de humanização e de destaque do caráter dialogal do rádio se ampliam e são potencializados pela serialização e pelo vínculo estreito com o público (Lopez; Alves, 2019; Kischinhevsky, 2018).

Este cenário revelou-se propício para o jornalismo científico, como

percebemos durante a pandemia de Sars-CoV-2, para alcançar audiências distantes, para conscientizar, para combater a desinformação e para mobilizar o ouvinte a partir da experiência do outro. Iniciativas de jornalismo científico ampliaram-se durante a pandemia – dentro e fora das universidades. A compreensão geral do conceito de ciência, de seus processos e de seu papel social ganhou destaque e temas como sociologia, química, ciências da saúde, entomologia passaram a ocupar os agregadores e fones de ouvido pelo país.

Este contexto nos levou a buscar compreender como, nestas produções, se colocam as fontes personagens e os processos de humanização tão caros ao rádio, fenômeno em que se insere o *podcasting* (Kischinhevsky, 2016; Carvalho, 2016; Viana e Chagas, 2021; Vicente, 2018). Para discutir esta questão, este artigo analisa 20 episódios distribuídos em três *podcasts* de jornalismo científico brasileiro: **O Veneno mora ao lado, Pelo avesso e Tempo quente**. Para chegar até nossos objetos de estudo, utilizamos a pesquisa exploratória descritiva que tem como finalidade “descrever completamente determinado fenômeno, como o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas” (Lakatos e Marconi, 2018, p. 78). Nos detivemos na descrição qualitativa de cada episódio e também nos inspiramos na análise audioestrutural organizada por Gessiela Nascimento Silva (2022) que define alguns critérios de observação como a identidade de cada programa e a estrutura utilizada nas produções: tema, fontes, duração de cada episódio e personagens da história de vida. As escolhas nos permitiram olhar a natureza dos objetos em relação às dinâmicas de circulação, consumo e produção.

Para compor esta proposta metodológica consideramos os elementos auditáveis dos objetos (Meditsch e Gobbi, 2019) e suas especificidades, organizando a estrutura metodológica em dois eixos: o que é dito (que engloba argumento, texto e organização de informações) e o como é dito (que engloba os marcos estéticos e acústicos que compõem e afetam a narrativa do podcast). Os dados coletados a partir desta proposta teórica são analisados (Gibbs, 2009) a partir de dois eixos: o contexto micro, que envolve os resultados da análise audioestrutural (Silva, 2022), e o contexto macro, que envolve o contexto do

fenômeno *podcasting*, do jornalismo científico e dos objetos, os três *podcasts* analisados.

Dessa maneira foi possível identificar padrões e compreender as estratégias narrativas, textuais e sonoras de acionamento da humanização e das histórias de vida nos *podcasts* analisados. Também pudemos observar a existência – ou a inexistência – de padrões específicos do *podcasting* jornalístico científico em relação aos personagens (Quadros, 2016). Caminhos que ajudam a perceber se o conteúdo dos três *podcasts* são realmente jornalismo científico e se as fontes ouvidas são humanizadas (Ijuim, 2017).

Jornalismo Científico e Humanizado, pela valorização da ciência

A comunicação científica deve estabelecer confiança e credibilidade com as fontes da informação e quando se trata de divulgação científica, o jornalista deve ofertar “conhecimentos científicos suficientemente práticos para que as pessoas possam ponderar sobre as decisões com melhor conhecimento de causa, ou pelo menos saber em que especialista eles podem confiar” (Enciclopédia Intercom de Comunicação, 2010, p. 251-252). Entendemos, portanto, que o fazer jornalismo científico é oferecer à sociedade a chance de obter conhecimentos técnicos, tecnológicos, científicos e de saúde a partir de uma linguagem que seja compreendida, sem palavras complexas, técnicas e acadêmicas, mas sempre respeitando a ciência.

E o jornalismo científico pode ser humanizado? Com certeza que sim se pensarmos como Ijuim (2017) de que o jornalismo, por ser um dos meios de socialização, pode também ter a missão de humanizar. Segundo ele, é por meio do jornalismo humanizado que “podemos produzir narrativas em que o ser humano seja o ponto de partida e de chegada” (Ijuim, 2017, p. 236). Para o autor, o personagem deve ser apresentado sem estereótipos e caricaturas, mas como seres humanos. Sendo assim, cabe ao jornalista “observar a realidade como um tecido de acontecimentos, de forma compromissada e solidária aos valores universais,

identificada com a sociedade que este profissional (teoricamente) tem que servir” (Ijuim, 2017, p. 238). Portanto, jornalismo científico significa criar uma relação de aproximação da informação com a realidade do ouvinte, quando falamos em mídias sonoras. Outro aspecto importante apontado por Ijuim (2017) é que o fazer jornalismo humanizado prevê que o profissional da comunicação se dispa de preconceitos e estereótipos que levam à discriminação. Ijuim afirma que “não reconhecer o Outro, não se comunicar com o Outro, desumaniza” (Ijuim, 2017, p. 241).

Nos três *podcasts* pesquisados, vamos identificar o jornalismo científico e humanizado, desde a narração e descrição realizada pelos narradores, pelas fontes escolhidas para falar e inclusão de áudios que, se bem incorporados à história, tornam o assunto mais palatável.

A audição e a descrição das observações dos conteúdos

Nesta etapa vamos apresentar os três *podcasts* que foram analisados por meio da pesquisa exploratória e descritiva, incluindo a audição atenta de cada episódio. A partir daí conseguimos identificar, nos apropriando de alguns critérios da análise audioestrutural proposta por Silva (2022), observar o perfil de cada produto (identidade), a periodicidade, o espaço de circulação, a duração de cada episódio e o tipo de vínculo. Num segundo momento centramos a pesquisa descrevemos o tema abordado em cada edição dos três *podcasts* e os tipos de fontes ouvidas: oficiais, empresariais, institucionais, testemunhais, populares, especialistas ou notáveis (Silva, 2022, p. 58).

A descrição do *podcast* **O Veneno mora ao lado**, cuja temporada é de 2022 tem seis episódios, resume o assunto que é abordado:

O Brasil é o campeão do uso de agrotóxicos no mundo. A utilização desenfreada desse veneno está no centro de uma grande crise da sociedade atual, pois diz respeito diretamente ao que a gente come, bebe e respira - além de representar uma verdadeira guerra contra camponeses, trabalhadores rurais e povos tradicionais. Os agrotóxicos são a peça-chave do jogo. Sem eles, todo o modelo do agronegócio se desestrutura: cai o latifúndio, cai a monocultura, e até mesmo o desmatamento (O Veneno

mora ao lado, 2022, on line).

Nesta produção do Observatório de Saúde de Trabalhador de Belo Horizonte (OSAT-BH), é Giovanna Nader que convida o ouvinte “para a discussão urgente e necessária dos agrotóxicos” (O Veneno mora ao lado, on line). A instituição reúne, por meio de um termo de cooperação técnica entre a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais e a Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, e desenvolve atividades técnico-científicas de extensão, pesquisa e ensino. Um dos objetivos do projeto da Rádio Flutuante, em parceria entre a Fundação Heinrich Boll Brasil e O Tempo Virou, e que conta com a colaboração de vários jornalistas e ambientalistas, é produzir informações que tenham relação com a saúde do trabalhador. A coordenação é do professor doutor Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro (UFMG/Faculdade de Medicina) que tem contou com uma equipe de trabalho qualificada. O observatório tem um site² onde os *podcasts* podem ser acessados ou ouvidos no *Spotify* e outras plataformas, e também pelo *speaker* da Rádio Flutuante³.

O episódio 1 **Revolução verde** é uma viagem narrativa sobre o passado e “desvenda a história por trás do *lobby* dos agrotóxicos no Brasil e no mundo” (O Veneno mora ao lado, 2022, on line). Começa com a leitura da lei dos defensivos agrícolas no país para que os alimentos sejam mais saudáveis. Em seguida a narradora questiona e descreve a lei de flexibilização dos agrotóxicos, conhecido como o Pacote do Veneno. Na sequência entram sonoras, entre elas, o da ministra da Agricultura Tereza Cristina defendendo a lei porque não tivemos guerra e temos um clima tropical. A locutora chama atenção dos perigos da PL porque retira os poderes dos órgãos ambientais Anvisa e Ibama. Uma das fontes especializadas é a engenheira agrônoma Marina Lacôrte do Greenpeace. A apresentadora descreve os caminhos do pacote nas instituições governamentais e a fala é sempre intercalada

² **Observatório de Saúde de Trabalhador de Belo Horizonte** (OSAT-BH). Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/osat/publicacao/podcast-o-veneno-mora-ao-lado-profissao-veneno/>.

³ **Rádio Flutuante**. Disponível em: <https://www.spreaker.com/user/15008505>.

por áudios que contribuem para a compreensão do tema.

No episódio 2 **A guerra química** se atém à guerra entre ruralistas e camponeses por causa do uso indiscriminado do agrotóxico como uma arma química, numa região próxima de Dourados no Mato Grosso do Sul, onde viviam os guaranis kaiowás. Entre os processos do Ministério Público, da Justiça e tiros, tem muito veneno que contamina o solo, afirma a apresentadora que conduz o programa intercalado com sonoras dos indígenas sem identificação e trechos de noticiários. Entre as entrevistas está a pesquisadora e doutora em geografia Larissa Bombardi. A narração é predominante.

O episódio 3 **Profissão veneno** inicia com a história do agricultor Celito que fica muito mal por inalar veneno e se intoxicar. Uma realidade entre muitos trabalhadores das lavouras que usam agrotóxicos. Nesta edição a apresentadora Giovanna utiliza trechos de um programa de televisão que entrevistou agricultores e de encontros deles com especialistas. As histórias relatadas demonstram como os venenos matam e provocam uma reflexão nos ouvintes que estão acostumados a comprar alimentos e não questionam como eles são produzidos.

O episódio 4 **Mulheres e quintais** leva os ouvintes aos quintais produtivos das mulheres agroecológicas, uma visita que a equipe do podcast fez, em março de 2022, ao interior da Paraíba para conhecer de perto o modo de produção e organização política das camponesas do Celso Furtado, protetoras da natureza e da saúde. A descrição da apresentadora permite imaginar o local de produção de muita comida e destaca os quintais que são realmente os espaços de onde saem a maior parte dos alimentos que chegam às mesas. As principais vozes são das agricultoras.

No episódio 5 **O silêncio do campo** os efeitos sonoros de avião e da chuva, e do silêncio, por exemplo, estão presentes nesta edição que investiga as múltiplas camadas da contaminação dos agrotóxicos no meio ambiente. Didaticamente, a locutora explica como os agrotóxicos são criados nos laboratórios e como eles contaminam. E conta com a fala do professor da UFSC e coordenador do Centro de Informação e Assistência Toxicológica de Santa Catarina Pablo Moritz. A ciência

comprova que o fruto pode ser mais saudável para ser consumido, alerta Giovanna.

No sexto e último episódio **Xeque-Mate** começa com a história da Giovanna que tem uma horta caseira instalada na varanda, da sua relação com atitudes sustentáveis e quando se tornou mãe. Nesta edição ela alerta para que cidadãos e consumidores ajam urgente para “dar um xeque no abuso dos agrotóxicos” (O Veneno mora ao lado, 2022, on line). Segundo ela, a escolha por alimentos sem veneno contribui para conscientizar sobre a cadeia de pequenos produtores e camponeses rurais que dependem do apoio da sociedade.

Na **Tabela 1** abaixo descrevemos o nome de cada episódio, quando foram divulgados no *Spotify* e o tempo de duração.

Tabela 1: Episódios do O Veneno mora ao lado (2022)

Episódio	Título	Dia de divulgação	Duração
1	Revolução verde	23 de maio 2022	32'16"
2	A guerra química	23 de maio 2022	29'42"
3	Profissão veneno	23 de maio 2022	33'09"
4	Mulheres e quintais	30 de maio 2022	34'06"
5	O silêncio do campo	6 de junho 2022	32'35"
6	Xeque-mate	13 de junho 2022	32'56"

Fonte: *Spotify* (2022)

O *podcast* **Pelo avesso** tem o apoio do Instituto Serrapilheira⁴ e possui um site próprio com design com fundo preto e destaques em amarelo e roxo, e nesse espaço *on line* se apresenta após o título assim: “Reviramos histórias para entender como chegamos até aqui. Pelo Averso conta fatos que ajudaram a moldar o Brasil em que vivemos. Sem revisionismos, com base na ciência e na pesquisa histórica” (Pelo avesso, 2021, on line). Quando clicamos no ícone para conhecer o projeto, lemos que a proposta da equipe, formada pela jornalista que faz mestrado em

⁴ Instituto Serrapilheira apoia a ciência e a divulgação científica no Brasil. Disponível em: <https://serrapilheira.org/>.

Comunicação Social na UFMG, onde pesquisa *podcast*, Jessica Almeida; e pelo jornalista que faz especialização em Comunicação Pública da Ciência na UFMG, Vinícius Luiz; é produzir um *podcast* de

histórias sobre a História do Brasil. Queremos revirar fatos que nem sempre ganham atenção para compreender como nos tornamos o país que somos hoje e pensar o que podemos ser daqui pra frente. Sem recorrer a revisionismos sensacionalistas, buscamos na ciência e na pesquisa histórica a base para fazer o programa. Inspirados pelo historiador Luiz Antônio Simas, tomamos a frase de Walter Benjamin como guia: “É preciso escovar a história a contrapelo (Pelo avesso, 2021, on line).

A temporada que analisamos tem como tema a Eugenia, crença e prática cuja finalidade é melhorar a qualidade genética da população, criada como conceito pelo inglês Francis Galton em 1883. As produções do segundo semestre de 2021 estão no site, com os devidos créditos, um breve resumo de cada programa e a transcrição para quem quiser saber detalhes. A partir do site, o internauta pode compartilhar o conteúdo nas redes sociais como *Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e enviar por e-mail ou pelo aplicativo de mensagem *WhatsApp*.

O *Pelo avesso* tem uma conta com *Instagram* com 678 seguidores e 57 publicações e no *Twitter* com 515 seguidores, ambos com link que direciona para os produtos. Além disso, os sete episódios também estão publicados na plataforma de *streaming Spotify*.

O episódio 1 intitulado **Casos de Família** começa com uma descrição do programa *Sai de Baixo* que ia ao ar nas noites de domingo na TV Globo. A partir daí os narradores intercalam trechos, como do personagem Caco Antibes, que tinha horror a pobre, e falam das suas experiências de quando eram pobres e se viam nos personagens do humorístico. Logo Jessica Almeida e Vinicius Luiz declaram que Caco Antibes era eugenista e dão detalhes sobre a Eugenia e como essa crença criada por Francis Galton ocupou espaços no Brasil, como na área da saúde, e quem eram os brasileiros que seguiam essa linha de pensamento. Os apresentadores também destacam o impacto da publicação de *A Origem das espécies* na vida de um primo de Charles Darwin. O historiador Leonardo Carvalho da UFMA é uma das

principais fontes especializadas para explicar como a eugenia estava inserida na sociedade.

O episódio 2 **O Brasil na bola de cristal** tem como um dos convidados o doutor em educação e bibliotecário Marcos Martins que estudou o início do século 20 e dá detalhes sobre Congresso Universal das Raças, ocorrida em 1911 em Londres, por exemplo. Nesse encontro os convidados falam das diferenças dos brancos e dos negros que vivem segregados. Mas os intelectuais brasileiros João Batista de Lacerda e Edgard Roquette-Pinto destacam que no Brasil a chegada de muitos brancos iria fazer os negros e os mestiços desaparecerem. Para os cientistas, o Brasil seria majoritariamente branco.

O episódio 3 **Vovô era eugenista** começa com um trecho da trilha do programa Sítio do Pica Pau Amarelo, escrito por Monteiro Lobato, que ao ir para o interior de Minas Gerais começa a observar os caipiras. Fazia críticas a eles como preguiçosos e doentes em artigos e contos publicados na imprensa: trata-se do Zeca Tatu. Ao longo do programa são lidos trechos dessas escritas na voz de Thiago Dimmi. É o próprio escritor que destaca a mudança de parasita da terra para empresário e como os efeitos do higienismo, do sanitarismo e da eugenia à brasileira transformaram o Zeca Tatu. Com o objetivo de explicar como a eugenia se espalha no Brasil, os apresentadores têm como fontes mais relevantes o historiador Ricardo Augusto dos Santos da Fundação Oswaldo Cruz e o neto arquiteto José Renato Kehl que descobre pelos livros do acervo particular que o avô Renato Ferraz Kehl era eugenista.

O episódio 4 **Em busca do bebê eugênico** inicia com a leitura de um concurso de 1954 que premiava crianças consideradas eugênicas – brancas e saudáveis. Os apresentadores então localizam um dos bebês, José Eduardo Nazário, baterista e percussionista do Brasil e que já tocou com Hermeto Pascoal e Milton Nascimento. Mas ele apenas responde às mensagens e a pedidos de entrevista, lidas por Thiago Dimmi. Ele afirma não ser eugenista e diz que na sua família havia um respeito pela miscigenação, liberdade de expressão e direito de todos. O programa também tem como fonte o historiador Weber Lopes Goes que é autor do livro Racismo e eugenia

no pensamento.

O episódio 5 **Lima Barreto, Juliano Moreira e Roquette-Pinto** apresenta inicialmente trechos lidos de uma peça Traga-me a cabeça de Lima Barreto, que questiona como um escritor negro produziu tantas obras literárias significativas. Barreto morreu em 1922 e se levantou contra o racismo científico. Na época, o psiquiatra Juliano Moreira provou que as teorias do determinismo racial estavam erradas e ajudou muito Barreto. Uma das principais entrevistadas é a historiadora e antropóloga brasileira Lilia Schwarcz, autora da biografia Lima Barreto – Triste visionário. Na obra, ela destaca que Lobato e Barreto mantiveram uma boa relação e trocaram muitas cartas. E Ynaê Lopes dos Santos, professora de História da UFF e autora de livros sobre várias questões do negro, também é ouvida nesta edição.

No episódio 6 **Nem tudo acaba no fim** os apresentadores começam tratando do desaparecimento do nome Eugenia dentro da ciência, sendo substituída, por exemplo, por genética nos laboratórios de pesquisa. Essa crença, considerada por alguns como ciência, começou a desaparecer depois da 2ª Guerra Mundial. É o “fim da eugenia e suas heranças: o divórcio da genética; as esterilizações de mulheres pretas e pobres; as permanências do biodeterminismo; as novas caras do ideal de melhoramento humano [...]” (Pelo avesso, 2021, on line). Para a entrevista, o especialista é Vanderlei Sebastião de Souza, historiador e professor da Unicentro que explica as diferenças entre eugenia e estudos genéticos. Outras convidadas são a defensora pública no estado de São Paulo Paula Machado, que descreve a violência das laqueaduras em mulheres, e a autora do livro Raça Pura Pietra Diwan.

O episódio 7 **Casos de família (Parte 2)** gira em torno da história de duas irmãs iguais, mas de cores diferentes; sendo que uma é cientista pioneira na desconstrução do mito da democracia racial. Jenifer vê na educação o mecanismo transformador das desigualdades raciais no Brasil. Jessica é a irmã branca, apresentadora do *podcast* Pelo avesso. Ela tem clareza de como a diferença das cores da pele alteram as relações na escola e na sociedade. O especialista é o professor da Unisc e doutor em História Mozart Linhares da Silva.

Na **Tabela 2** identificamos o título de cada episódio, o mês em que foram

compartilhados no *Spotify* e a duração.

Tabela 2: Os episódios do Pelo avesso (2021)

Episódio	Título	Mês de divulgação	Duração
1	Casos de Família	Agosto de 2021	54'23"
2	O Brasil na Bola de Cristal	Agosto de 2021	49'19"
3	Vovô era Eugenista	Setembro de 2021	49'09"
4	Em busca do bebê eugênico	Setembro de 2021	48'06"
5	Lima Barreto, Juliano Moreira e Roquette-Pinto	Outubro de 2021	55'29"
6	Nem tudo acaba no fim	Outubro de 2021	1h03'03"
7	Casos de família (Parte 2)	Novembro de 2021	1h23'

Fonte: *Spotify* (2022)

Tempo quente é um *podcast* original da Rádio Novelo⁵ e a descrição no site diz: “O Brasil tinha tudo pra ser uma potência ambiental, mas tá ficando cada vez mais pra trás. A ciência alerta há décadas sobre a emergência climática, mas ninguém faz nada pra mudar. Tá todo mundo perdendo nessa história – e isso a gente sabe. Agora: quem é que tá ganhando?” (Tempo quente, 2022, on line). O design da página é em tons amarelos e vermelhos, fazendo referência ao fogo que queima na mata, cita os *links* utilizados em cada edição e apresenta vídeos curtos, em torno de um minuto, destacando aspectos sobre os temas abordados.

Os episódios têm uma vinheta de abertura forte e estão disponíveis no *Spotify* com a seguinte descrição: “Sente só o climão: o Brasil tinha tudo pra ser uma potência ambiental, mas tá ficando cada vez mais pra trás. A ciência alerta há décadas sobre a emergência climática, mas ninguém faz nada pra mudar. Tá todo

⁵ **Rádio Novelo**. Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/tempoquente/#alerta-vermelho>.

mundo perdendo nessa história – e isso a gente sabe. Agora: quem é que tá ganhando?” (Tempo quente, 2022, on line). A apresentação é da Giovana Girardi que tem o suporte de uma equipe qualificada.

O tom sério e dramático abre o episódio 1 **Alerta vermelho** para o grave perigo do aquecimento global anunciado em 2021. E em seguida a apresentadora centraliza o conteúdo em iniciativas do governo federal que fala em uso do carvão queimando no Brasil, quando não é necessário porque temos hidrelétricas. O maior problema, enfatiza, são as queimadas e em seguida descreve a Usina de carvão do Capivari, em Urussanga (SC), que sobrevive com subsídio do governo. Com o uso de vários documentos que são citados no programa e descritos no site, e áudios, a narradora reconstitui a história carbonífera e também apresenta uma reportagem com um sobrevivente de um acidente ocorrido numa mina em Urussanga, em 1984.

O episódio 2 **O Agro é punk** inicia com a captação de falas de alguns parlamentares do *lobby* do agronegócio e da bancada ruralista da Câmara dos Deputados, em Brasília. Giovana afirma que o agro se trata de um “case extraordinário de reposicionamento de marca” (Tempo quente, 2022, on line). Para explicar a legislação florestal, ela entrevista o engenheiro de produção da UFMG Raoni Rajão. No decorrer do programa, a apresentadora cita alguns documentos como Análise da desigualdade de terras no Brasil, da Imaflores com base no Atlas da Agropecuária Brasileira, *Spread the truth*: Observatório do Clima rebate desinformação compartilhada por Bolsonaro sobre meio ambiente no Brasil e o parecer do relator deputado federal Aldo Rebelo (PC do B-SP) ao Projeto de Lei nº 1876/99 que trata sobre as áreas de Preservação Permanente, Reserva Legal, exploração florestal e dá outras providências. Ela completa o *podcast* com deputados que defendem as questões ambientalistas e os defensores do agro.

Efeito sonoro de telefone abre o episódio 3 **No clima do “liberou geral”**. Giovana fala com o presidente da Associação Comercial e empresarial de Santarém (AM) Roberto Branco para combinar uma entrevista e compreender o impacto dos *lobbies* e das forças locais sobre a Amazônia. A partir daí ela descreve a região amazônica e relata as mudanças provocadas pelo cultivo da soja para exportação.

Branco, que é de Santa Catarina, afirma ser contra o desmatamento porque a evolução deixa rastros negativos. O tema principal é o desmatamento, os garimpos ilegais que contaminaram, por exemplo, Alter do Chão, distrito de Santarém (PA), e do agronegócio. No programa são citados vários documentos e apresentados trechos da entrevista com a cientista do INPE Luciana Vanni Gatti sobre o estudo *Amazonia as a carbon source linked to deforestation and climate change*, publicado na Revista *Nature* com dados até 2018. Segundo a pesquisadora, o Congresso Nacional não quer escutar a ciência e esses desastres como desmatamentos desenfreados vão destruir o Brasil.

O episódio 4 **Amazônia sitiada** começa com trecho da música de 1979, Este é um Brasil que vai pra frente, do comercial exibido durante o governo militar. Em seguida outras propagandas sobre a Transamazônica e do fusca *Beetle*, da Volkswagen, são apresentadas. A edição aborda o período em que o Brasil estava em busca do progresso e Giovana questiona sobre o significado da palavra progresso. Outra entrevista é com o ex-prefeito Neri Prazeres, um dos fundadores do município Novo Progresso (PA) onde em 2019 ocorreu o Dia do Fogo, organizado por fazendeiros e empresários. Ela também ouve a opinião do bispo emérito Dom Erwin Kräutler, morador de Altamira (PA). Segundo ele, a Amazônia é para a vida e é onde existem povos originários que precisam ser respeitados.

No episódio 5 **Era uma vez em Brasília** o tema central gira em torno de que os cientistas não têm credibilidade, principalmente em Brasília, e cita o filme *Não olhe para cima* (2021) que aborda justamente a negação à ciência e à pesquisa. Uma das fontes do programa é Natalie Unterstell, especialista em políticas públicas sobre clima e que coordenou o projeto Brasil 2040, com o apoio de 30 pesquisadores, para o ministério da Agricultura e Minas e Energia em 2013 e 2014 – que não foi finalizado. A edição ainda apresenta os problemas da construção da Usina Hidrelétrica do Belo Monte, no Rio Xingu, um sonho da presidenta Dilma Rousseff em 2013, que provocou impactos negativos na comunidade ribeirinha.

O episódio 6 **Nó em fio d'água** começa tratando da política ambiental que não teve prioridades e traz novamente a especialista Natalie Unterstell para abordar

outras questões da hidrelétrica Usina de Belo Monte e enfatizar que as usinas não fazem mais sentido para o Brasil. O físico José Goldenberg e ex-presidente da Fapesp afirma nesta edição para Giovana que o país tem vocação para hidrelétricas, mas o ocorrido em Belo Monte não deu certo. A apresentadora também conversa com o Raimundo que ficou com problemas de saúde por causa da destruição e da poluição do Rio Xingu. Ela destaca ainda a mobilização dos povos indígenas contra os desmandos na região e também relembra o apagão de 2001 que motivou o governo a adotar e incentivar os blecautes. Para completar, ela entrevista a jornalista Eliane Brum que lançou o livro *Brasil, Construtor de Ruínas* e fez muitas matérias na região amazônica.

O último episódio, o 7, **Crise e oportunidade** aborda algumas soluções para a crise energética para o Brasil, ouvindo especialistas como Ricardo Baitelo, do Instituto de Energia e Meio Ambiente que analisa os arranjos políticos e *lobbys* criados para a matriz energética do país; Rodrigo Sauaia, presidente da Associação de Energia Solar; Elbia Gannoum, presidente da Associação Brasileira de Energia Eólica; e Sergio Leitão, advogado e fundador e diretor executivo do Instituto Escolhas. Nesta edição, Giovana cita vários documentos e estudos como da NOS, do Ministério de Minas e Energia de 2022, e a Lei nº 14.182, de 12 de julho de 2021, que dispõe sobre a desestatização da Eletrobras. Ela também destaca o uso da energia solar que é renovável e vem crescendo no país, mesmo tardiamente.

A **Tabela 3** a seguir apresenta o nome de cada episódio, quando foram divulgados no *Spotify* e a duração.

Tabela 3: Episódios do Tempo quente (2022)

Episódio	Título	Dia de divulgação	Duração
1	Alerta Vermelho	7 de junho 2022	56'10"
2	O Agro é Punk	14 de junho 2022	1h01'21" "
3	No clima do "liberou geral"	21 de junho 2022	59'04"
4	Amazônia sitiada	28 de junho 2022	57'16"

5	Era uma vez em Brasília	5 de julho 2022	51'50"
6	Nó em fio d'água	12 de julho 2022	48'53"
7	Crise e oportunidade	19 de julho 2022	58'40"

Fonte: Spotify (2022)

Algumas considerações

Os três *podcasts* **O Veneno mora ao lado**, **Pelo avesso** e **Tempo quente** foram analisados por meio da pesquisa exploratória e descritiva com a audição dos 20 episódios. Foi necessário fazer uma escuta que exige atenção, diferente daquela que fazemos quando estamos sintonizados numa emissora e podemos nos dedicar a outras atividades cotidianas. Cada um deles, dentro das suas especificidades e linhas editoriais, apresenta temas relevantes e que geram polêmica por parte, principalmente, dos negacionistas científicos. Conforme a pesquisadora Kropf, “sua definição se dá por seu caráter intencional e articulado para produzir e disseminar desinformações e dúvidas, por meio de estratégias organizadas com o objetivo de contrariar evidências e alegações consensualmente reconhecidas pela comunidade científica” (Kropf, 2022, p. 201). Conforme a especialista, uma das táticas dos negacionistas “é produzir e semear desinformações, *Fake News* e rumores nos meios de comunicação em massa, em especial nas mídias sociais, com vistas a desacreditar uma alegação científica” (Kropf, 2022, p. 201). Mas os *podcasts* vão além dos conteúdos produzidos pelas rádios tradicionais. Por isso, para ouvir esses episódios, é necessário estar desprovido de preconceitos e acreditar na pesquisa, na ciência e na educação que contribuiu para a formação cidadã.

Os programas recuperam gêneros que, infelizmente, desapareceram das rádios comerciais e até educativas e universitárias por diferentes problemas como a precarização das redações causada, por exemplo, pela ausência de profissionais e até falta de interesse em aprofundar determinados assuntos, principalmente aqueles que geram polêmicas e debates.

Nos três *podcasts* estão presentes as narrativas de fôlego, as pesquisas documentais, as descrições, a inclusão de fontes especializadas que se caracterizam por serem profissionais com reconhecido conhecimento específico

sobre uma área de estudo e populares que representam as minorias e podem ser vítimas de determinadas situações, como indígenas e agricultores ouvidos no *podcast* **O Veneno mora ao lado**. De acordo com Ferraretto (2014), a inserção de fontes especializadas e de pessoas comuns que contribuem para a narrativa de uma história de vida caracterizam o jornalismo investigativo, o jornalismo humanizado, jornalismo científico, os documentários, os programas especializados e as grandes reportagens (Ferraretto, 2014).

Os três *podcasts* priorizam as fontes especializadas, mas quando necessário, incluem entrevistas com pessoas populares que fazem parte da história que está sendo narrada e estão inseridas no contexto social, como acontece em alguns episódios do **O Veneno mora ao lado** e **Tempo quente**. Alguns episódios também incluem fontes oficiais que são representadas por quem ocupa cargos eletivos como no Executivo ou no Ministério Público.

Ao observar as fontes utilizadas nas 20 edições, percebemos que os conteúdos abordados se tratam de um jornalismo científico com narrativas construídas pelo viés do jornalismo humanizado. As produções são jornalismo científico porque criam uma aproximação da informação com a realidade do ouvinte.

Na maioria dos programas o ser humano é o “ponto de partida e de chegada” (Ijuim, 2017, p. 236) principalmente porque é ouvido e apresentado sem estereótipos. Além disso, os jornalistas e os profissionais da comunicação, narradores de cada história, são sensíveis à realidade daqueles seres humanos e estão relatando fatos que interferem no contexto social de diferentes comunidades. Eles reconhecem o outro e falam sobre o outro sem preconceitos e estereótipos.

Bibliografia

AVELAR, Kamilla; PRATA, Nair; MARTINS, Henrique. **Podcast: trajetória, temas emergentes e agenda**. Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade da Região de Joinville, 2 a 8 de setembro de 2018.

CHAGAS, Luã José Vaz. **A seleção das fontes no rádio expandido**. Cuiabá-MT: EdUFMT, 2020.

- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: Teoria e Prática**. São Paulo: Summus editorial, 2014.
- IJUIM, Jorge Kanehide. Por que humanizar o jornalismo?. **Verso e Reverso**, setembro-dezembro 2017. Unisinos (RS).
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádios e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo**. Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, vol. 5, número 10, pp. 74-81, 2018.
- KROPF, Simone Petraglia. Negacionismo científico. In: SZWAK, José; RATTON, José Luiz. **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022.
- LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.
- LOPEZ, Debora Cristina; ALVES, João. **Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados**. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2 a 7 de setembro de 2019.
- LOPEZ, Debora Cristina.; VIANA, Luana; AVELAR, Kamilla. **Imersividade como estratégia narrativa em podcasts investigativos: pistas para um radiojornalismo transmídia em In The Dark**. Anais do XXVII Encontro Anual da Compós. Belo Horizonte, 2018.
- MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. **Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos**. Anais 16o SBPJor. Goiânia, nov. 2019.
- MELO, José Marques de. (Editor). **Enciclopédia INTERCOM de Comunicação**. Volume 1. Conceitos. São Paulo: Intercom, 2010.
- QUADROS, Mirian Redin. **As personagens jornalísticas nas narrativas radiofônicas: o lugar do ouvinte**. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: USP, 2017.
- SILVA, Gessiela Nascimento da. **As fontes no podcast Mamilos: Uma proposta de análise audioestrutural**. Dissertação. Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, 2022.
- VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcasting: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral**. Tese. Doutorado em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.
- VIANA, Luana; CHAGAS, Luã. **Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico**. In: XIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2021, Juiz de Fora. Anais do XIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2021.
- VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. **Anais**. XXVII Encontro Anual da Compós, PUC-Minas, 2 a 6 de junho de 2018.

Fontes

O Veneno Mora ao lado - <https://www.medicina.ufmg.br/osat/publicacao/podcast-o-veneno-mora-ao-lado-profissao-veneno/>

Spotify: <https://open.spotify.com/show/1p7ccJl68M7SpqtMip4XQl?si=NngclZR-SLS96Be7GzV6pQ>

Pelo Averso - <https://peloavesso.com/>

Spotify: <https://open.spotify.com/show/0E5llcS0UHUK0NSB2dsh8t>

Tempo Quente - <https://www.radionovelo.com.br/tempoquente/>

Spotify: <https://open.spotify.com/show/5g1iYnkOFGdve9eAr8Ag43>